

EDUARDO COELHO



*UMA PHOTOGRAPHIA TIRADA
EM MADRID EM SETEMBRO DE 1887*

Profundamente sensibilizados pela grande perda que acaba de soffrer a imprensa portugueza, prestamos á memoria de Eduardo Coelho a sincera homenagem da nossa admiração e da nossa saudade. Admiramos no illustre extinto a tenacidade com que fez vingar a sua obra perduravel, e, ao vê-lo desaparecer no tumulto, quando podia e devia colher os fructos da obra que realisara, é grande o pesar que nos invade.

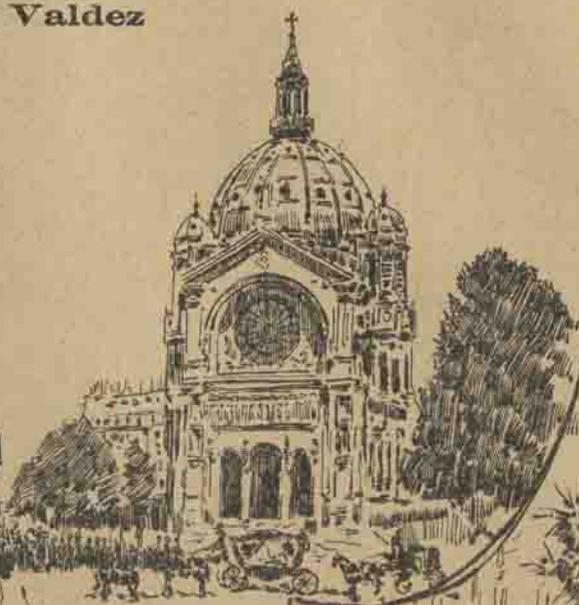
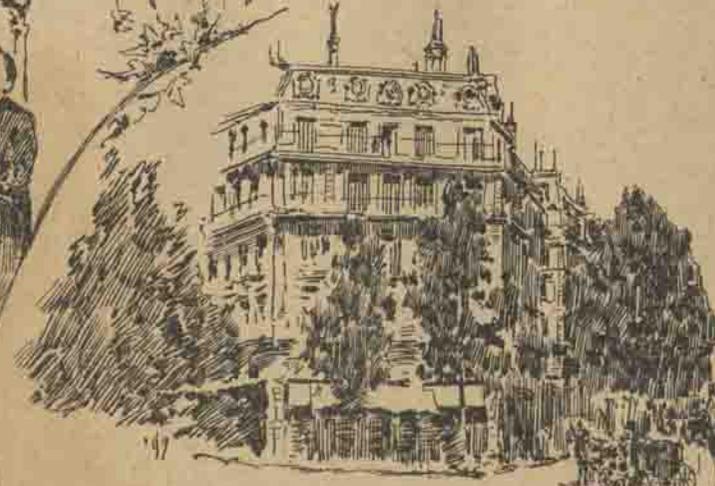
A sua vida exemplar conquistou-lhe o direito á sympathia e ao respeito dos seus contemporaneos. Ninguém esquecerá jámais o que lhe deve a imprensa do paiz que tanto amou. Paz á memoria do illustre e indefesso trabalhador!

PARIS

Funeraes de Campos Valdez

LORRAIN

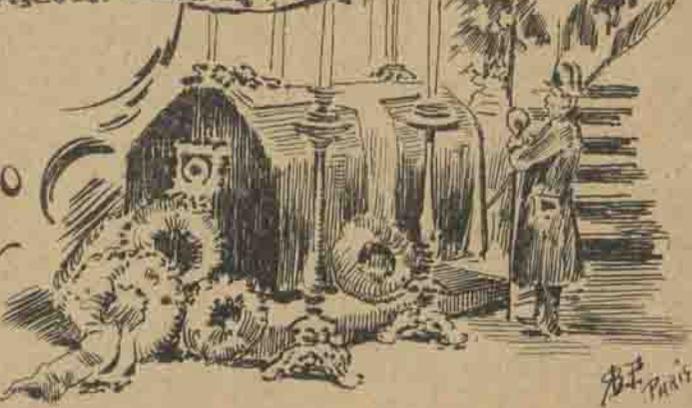
OBAIXO



FARIN DE JALAZAC

IGREJA DE S. LOURENÇO

BOULEVARD HAUSSMANN



CEMITERIO DE SAINT OVEN

Paris

Por ahí...



Antes de tudo, um protesto de indignação!

O sr. Oliveira Mattos acaba de imitar-nos, de plagiar-nos, de parodiar-nos!

Graças á habilidade do paginador dos *Pontos nos 11*, a nossa ultima chronica, truncada, misturada, salteada e feita em salada, conquistou, sobre todos mais, o grande merecimento de não ser entendida.

Ora não ser entendido, n'uma epocha em que todos se *entendem* ás mil maravilhas, representa pelo menos uma grande originalidade.

Assim, nós conseguimos ser original, a par do tapicho enflorado do sr. de Daupias, a par dos opusculos do Jayme de Belem.

N'isto, vom de lá o sr. Oliveira Mattos, pede a palavra na camara, sob o pretexto de tratar a questão dos 441 contos, e desata a parodiar-nos n'uma pepinica truncada, misturada, salteada e feita em salada, que não foi mais de que uma grosseira imitação, como diz o do papel Duc, da nossa chronica da semana passada!

E tudo isto, com a agravante para nós de que a nossa chronica não fez rir pessoa alguma, ao passo que o discurso do sr. Oliveira Mattos provocou tantas e tão nervosas gargalhadas que o soalho do parlamento parecia no fim da sessão o recanto escuso de portal de quinta em dia de arraial nas proximidades!



Debate-se na imprensa, na politica e nas casas particulares, uma questão da mais alta importancia.

Disse-se, e chegou mesmo a correr impresso, que sua magestade, el-rei, o sr. D. Luiz I, monarcha d'estes reinos, telegraphára para sua excellencia, tambormór dos pequeninos, o sr. Correia de Barros, governador civil no Porto.

O texto do real telegramma, no dizer do que se disse, era simples, laconico, mas muito *succulento*, na genuina accepção da palavra. Resumia-se n'isto:

Mantenha-se!

D'esta simples conjugação do verbo *manter* no imperativo e por meio do telegrapho, fez a politica um caso de sete castellos, que por isso vem merecer as honras da nossa chronica, obrigando-nos a encaral-o sob diversos pontos de vista.



O primeiro d'esses pontos de vista baseia-se sobre o direito que a sua magestade assistia ou deixava de assistir, para se corresponder telegraphicamente com o sr. Correia de Barros.

Ora recapitulemos e raciocinemos.

Ainda não ha muito longo tempo que, por occasião da sua viagem n'ó estrangeiro, o sr. D. Luiz se permitiu, como os jornaes de então referiram, fallar particularmente ao telephone com sua magestade a rainha.

Por essa occasião ninguem levantou a lebre do escandalo, e ainda bem que ninguem levantou tal lebre, porque nada de mais natural de que um monarcha fallar uma vez por outra ao telephone com a esposa que Deus Nosso Senhor lhe deu.

Ora se ninguem extranhou que o sr. D. Luiz fallasse ao telephone com sua esposa, com que fundamento poderá extranhar-se agora que o mesmo augusto senhor falle pelo telegrapho com um dos seus filhos—visto como um rei é pae de todos os seus subditos e portanto o sr. Correia de Barros filho, pelo menos *in nomine*, do sr. D. Luiz de Bragança?!

Se não queriam que sua magestade viesse mais tarde a abresar dos fios telegraphicos, fizessem sentir-lhe a inconveniencia d'esse procedimento quando el-rei usou lá fóra dos fios telephonicos!

Não senhores! elogiaram-n'o até por essa occasião, tanto publica como particularmente, havendo jornaes que chegaram a publicar artigos de fundo sobre o caso, havendo esposas que chegaram a increpar os respectivos consortes por estes não seguirem em tudo o mesmo processo de fallacia empregado pelo sr. D. Luiz!

Animado por essas instigações sua magestade toma o gosto de fallar por intermedio dos fios com as pessoas da sua familia, dá um conselho telephonico e paternal ao seu filho adoptivo Correia de Barros e cae-lhe tudo em cima—salvo seja!—por elle ter tomado o gosto a uma coisa tão saborosa!

Porque lá diz um velho cantar andaluz—o unico talvez que escapou á traducção de Fernandes Costa, mas que não escapa á nossa:

A fallar ao telephone
Desde alvorada ao sol posto,
Não ha quem não se apaixonou
—O caso é tomar-lhe o gosto.



EXPOSIÇÃO DE PARIS

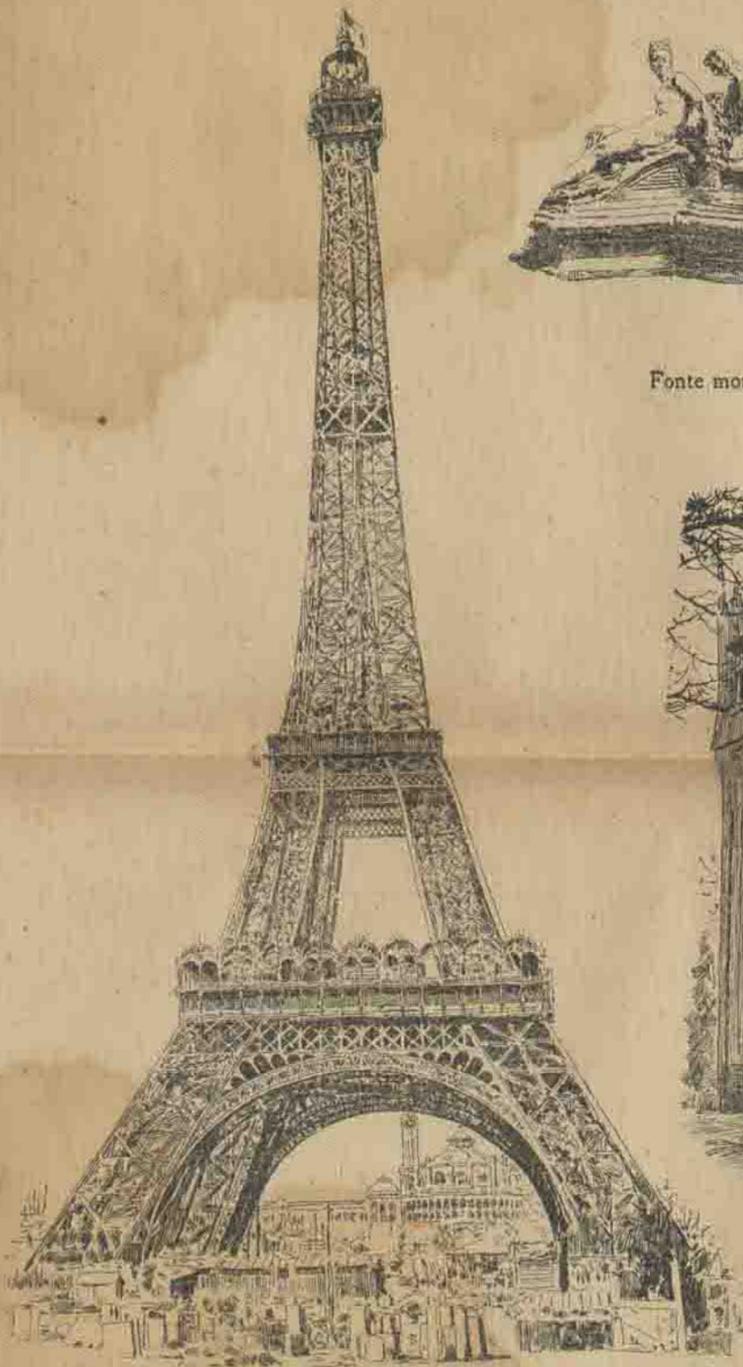
HISTORIA DA HABITAÇÃO HUMANA, reconstituída pelo architecto Charles Garnier
Um dos grandes attractivos da Exposição



Fonte monumental de Saint-Vidal debaixo da torre Eiffel.



HISTORIA DA HABITAÇÃO—Casa indiana



A TORRE EIFFEL—Vista panoramica tirada da escola Militar.



HISTORIA DA HABITAÇÃO—Casa assyria,



HISTORIA DA HABITAÇÃO—Casa japoneza.



HISTORIA DA HABITAÇÃO—Casa idade-media e renascença.



HISTORIA DA HABITAÇÃO—Casa persa.



O segundo ponto de vista do acontecimento é que se nos afigura mais extraordinário.

Consiste elle no seguinte:

O sr. presidente do conselho, constando-lhe o occorrido, como se diz nas partes de policia, e na sua qualidade de sentinella vigilante, telegraphou immediatamente para o seu subordinado no Porto, o sr. Correia de Barros, perguntando-lhe se effectivamente era verdade haver s. ex.^a recebido lettras telegraphicas de sua magestade el-rei.

Pondo de parte a resposta do sr. Correia de Barros, que nada interessa para o caso, occupemo-nos exclusivamente do procedimento do sr. José Sentinella Luciano Vigilante, procedimento que mais nos parece de cabo de esquadra que de simples sentinella.

Então s. ex.^a tem o auctor do supposto telegramma aqui á mão de semear e vae entender-se com o destinatario do mesmo telegramma, que está lá em cascos de rolhas, para saber se o telegramma foi expedido ou não?!

Ora supponha o sr. José Luciano que, no proximo regresso de Serpa Pinto, consta a s. ex.^a que aquelle arrojado explorador descobriu definitivamente o segredo do Cubango.

O que faz o sr. José Luciano? Vae ter com o Serpa Pinto á sociedade de geographia e pergunta-lhe se á verdade ter descoberto o segredo do Cubango? ou atravessa os mares, indo ter com o Cubango, afim de lhe perguntar se effectivamente o Serpa Pinto lhe descobriu os segredos da sua vida particular?



O expediente do sr. José Luciano, inquirindo do sr. Correia de Barros — que está longe — o procedimento do sr. D. Luiz — que está perto — lembra as pesquisas dos commissarios de policia, que, tendo o criminoso no cagarrão, expdem deprecadas para o cabo do mundo, pedindo informações sobre o caso — por isso que reputam suspeitas quantas declarações o criminoso possa prestar.

D'est'arte póde o sr. D. Luiz considerar-se como metido no cagarrão — e com sentinella vigilante á vista.

Não tardaremos pois em vel-o no banco dos reus; mas não se amofine sua magestade, que vae lá encontrar muito bons companheiros de viagem...



SCIENCIAS, LETTRAS, ARTES E OFFICIOS

Historia da Revolução Franceza, por Luiz Blanc

Felizmente que os editores começam a pôr de banda os romances d'aventuras, e o publico a desdenhar das rocamboles phantasticas, para dar preferencia aos austeros livros de historia, philosophia, e viagens, em que a imaginação pasce maravilhas, e o espirito se curva perante as grandes lições que ressumbram das grandes edades que passaram. E' vôr o numero de publicações de historia e viagens que os editores de Lisboa e Porto têm actualm ente em circulação! Entre as que mais captivam os estudiosos, destaca a *Historia da Revolução Franceza*, de Luiz Blanc, traduzida primorosamente por Maximiano de Lemos, o poeta de tantas composições amorosamente cinzeladas, e o prozador elegantissimo, que ainda nos entreactos da sua laboriosa carreira de medico, encontra ocios para doar as lettras com as suas magnificas versões d'obras primas da litteratura franceza. A *Historia* de Luiz Blanc fará quatro volumes de cerca de 400 paginas cada um: a obra toda ornada com mais de 600 gravuras, em madeira e cobre, admiraveis. Distribuir-se-ha aos fasciculos de deseseis paginas, typo elzevir, corpo 10, a tres fasciculos por mez. A assignatura poderá fazer-se em qualquer livraria de Lisboa e Porto, no escriptorio do nosso jornal, ou na sede da empresa, Praça da Alegria, 104, Porto.

A *Historia da Revolução Franceza* de Luiz Blanc conta já as assignaturas por muitas centenas, e lançar-se-ha em breves dias o primeiro fasciculo.



MODAS



L.P.H.
FINE GENEAL HUNTER

ECONOMIA E ELEGANCIA

CÁ E LÁ (CARTA DE PARIS)



Tu estás lá assim...



Eu estou cá assim... á espera que os srs. empreiteiros me entreguem o Pavilhão.
Damnado, em quanto os outros se divertem!!!!

O BAILE DOS ARTISTAS NA OPERA



Coquelin-Cadet regendo a valsa de Métra, Les Roses.

Sarah Bernhardt regendo a orchestra.

O DISCURSO DO SR. O. M.

(Camara dos deputados)



A questão dos 449 contos era uma bexiga de porco, cheia de vento, com que a opposição bateu sonoramente nos costados do governo. Entretanto, o publico bocejava de tédio. N'isto, o sr. Oliveira Mattos arranca das mãos do sr. Arroyo a formidanda bexiga, faz piruetas imprevistas, diverte immensamente o publico que se esbandalha a rir, diverte a camara toda, poussa-a depois no chão, e n'uma cambalhota final rebenta-a debaixo dos fundilhos...

E era uma vez uma questão!